

NOTAS SOBRE O MONISMO DE TRIPLO ASPECTO

Vinícius Jonas de Aguiar¹

Tendo já escrito um trabalho que discute, em parte, o Monismo de Triplo Aspecto (MTA) (AGUIAR, 2015), aproveito o espaço deste comentário crítico para levantar alguns pontos que não tive a oportunidade de tratar em minha pesquisa e que Pereira Jr. também não enfatiza no artigo “O Conceito de Sentimento no Monismo de Triplo Aspecto”. Portanto, no texto que se segue o leitor encontrará exemplos que podem reforçar algumas teses do MTA, e questões que podem contribuir para esclarecer alguns pontos daquela teoria, abrindo, assim, novas possibilidades de aplicação desta ontologia.

Entendemos que o MTA apresenta, logo de partida, uma vantagem que é estar ancorado em conceitos filosóficos e científicos contemporâneos, o que permite acomodar diferentes explicações sobre um mesmo fenômeno sem perder o rigor conceitual e, assim, correr o risco de trivializar as explicações. Apesar da versatilidade dessa proposta, no que diz respeito à consciência o MTA privilegia explicitamente o papel do sentimento. Segundo Pereira Jr., por conta da dificuldade em tratar dos sentimentos utilizando a linguagem filosófica, a relevância dos sentimentos para nossa vida mental ficou relegada principalmente às artes e à religião que, de forma geral, enfatizam exatamente o sentimento em detrimento da cognição e do discurso lógico. Contudo, o autor encontra em dados recentes da Neurociência Afetiva e na Psiquiatria (por exemplo, ALMADA et al., 2013; DAMÁSIO, 2000) em particular na ideia de *Eu sentiente*, a possibilidade de reformularmos nossa compreensão da vida mental, em especial da vida mental consciente, de modo a devolver ao sentimento o espaço que lhe é de direito. Mais do que uma retomada de uma postura filosófica que enfatiza o papel dos sentimentos, como em Kierkegaard (2010), Schopenhauer (2004) e Nietzsche (2005), Pereira Jr. argumenta que, por esse caminho, podemos ultrapassar pela tangente o conhecido *hard problem* da consciência (CHALMERS, 1996).

Antes de adentrarmos o problema da consciência de fato, vejamos uma importante distinção adotada no MTA, qual seja: a distinção entre matéria/energia e forma/informação, ou entre 1º e 2º aspectos, se preferirem. Se tomarmos, por exemplo,

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília. E-mail: viniciusjonass@gmail.com

como referência o problema da relação entre uma obra de arte e o material que a constitui – problema comum na filosofia da arte – poderemos notar claramente a precisão dos conceitos do MTA em explicar um dado objeto de forma abrangente e sem reduzir parte da sua composição a um só elemento. Uma estátua grega, como a Vênus de Milo, é composta obviamente por uma base material muito bem delimitada: o mármore. Além disso, ela possui traços específicos que a identificam como a Vênus de Milo ao invés de outra estátua qualquer; ou seja, Vênus de Milo é não só matéria (mármore), mas também uma forma (seus traços). O mesmo é facilmente notável na música: O Réquiem de Brahms é, sem dúvida, composto por certos tipos de sons (sons da orquestra); mas não só isso, pois tais sons estão organizados de maneira a soarem como o Réquiem de Brahms e não como o Réquiem de Mozart. O que esses exemplos apresentam é a relação de não necessidade que existe entre certos elementos, como os sons ou o mármore, e a organização que eles irão assumir, como música X ou Y, escultura X ou Y, etc.. É nesse sentido que o MTA propõe os primeiros dois componentes ontológicos da Natureza que, em sua essência, são irreduzíveis um ao outro.

Quanto à irreduzibilidade do segundo aspecto ao primeiro é no mínimo difícil encontrar exemplos que mostrem o contrário. Resta saber se o aspecto da forma é atualizado a partir de processos envolvendo a auto-organização de elementos materiais essenciais da realidade, o que dá origem à informação quando os padrões formais são transmitidos de um meio material para outro, ou se as formas possuem uma realidade ideal, como queria Platão (2005). Dado o interesse em andar lado a lado com conceitos filosóficos e científicos atuais, o MTA opta por entender e explicar as formas e trocas de informação à luz das teorias de Boltzmann (1964, 1965) e Shannon e Weaver (1949).

Slavoj Žižek (2013) coloca a teoria de Platão como central na história da filosofia ocidental pelo fato de boa parte das teorias posteriores tentarem corroborar ou invalidar a tese das ideias platônicas. Nesse contexto, o MTA assume uma posição intermediária que diverge da teoria do mundo das ideias ainda que seja simpática a parte daquela teoria. A distinção entre o mundo das ideias platônico e a realidade das ideias no MTA reside no caráter de “ideia atualizada em outro plano”, correspondente à tese de Platão, e a “ideia existente em estado potencial na Natureza”, presente no MTA. Como exemplo imediato de aplicação dessa constatação, podemos citar a superação da dicotomia entre criação e descoberta, que ocorre se adotarmos a noção de “atualizar formas potenciais” (sobre a relação entre os conceitos de informação e forma adotados

por Pereira Jr., ver ALEKSANDER, MORTON, 2011), o que não é só criação, nem só descoberta.

Ainda sem incluir a descrição do terceiro aspecto, é válido destacar o embasamento que o MTA proporciona à noção de interdisciplinaridade. Assumindo a distinção entre a constituição material e a formal de qualquer objeto ou fenômeno, torna-se necessário o uso abordagens e terminologias diferentes para descrever um mesmo objeto de estudo. Pela descrição proposta no MTA, investigando, por exemplo, somente a constituição dos sons e fazendo descrições cada vez mais precisas das suas características, não poderíamos entender o conceito de acorde maior, e muito menos o que é um quarteto de cordas ou uma sinfonia. Para tal, devemos passar do plano do som para as relações entre os sons.

Aliás, falar sobre como percebemos uma música ou qualquer fenômeno/objeto externo a nós passa não só por descrever uma constituição material e formal, mas também descrever como essa informação atinge nosso sistema cerebral (e outros subsistemas do corpo) e, finalmente, é experienciada em primeira pessoa. E é aqui que entramos no domínio do terceiro aspecto. O que justifica, de acordo com Pereira Jr., postular a existência de um aspecto nem material, nem formal, mas sim da ordem do sentimento, típico das experiências fenomenológicas que temos, é a impossibilidade de derivar daqueles dois aspectos o *feeling*, característico do terceiro aspecto. Esse ponto pode ser ilustrado, mais uma vez, com a música. Os dois primeiros aspectos constituintes daquele fenômeno podem, e são hoje em dia, facilmente transferidos de um meio para outro – os padrões de ondas sonoras executados por uma orquestra podem ser captados por microfones e transformados em bits no HD de um computador ou de um *pen-drive*. Essa transmissão da informação musical, contudo, não envolve em momento algum a experiência fenomenológica por parte do microfone ou do aparato digital para o qual a informação musical é transferida. Na interpretação de Pereira Jr., o cérebro funciona da mesma forma: padrões de informação externos e internos são transmitidos para o cérebro que os codifica em padrões de disparo neuronal. Disso o autor conclui que, se o mesmo processo ocorre em outros meios sem incluir a consciência, deve haver no sistema cerebral algo a mais, algo que não seja da ordem da matéria e da informação, já que tais aspectos não trazem, necessariamente, a experiência do sentimento. Logo, o sentimento, característico das experiências conscientes, deve ser mais um aspecto da Natureza que é atualizado no sistema cerebral.

Sem discordar da característica afetiva dos processos conscientes, cabe ainda questionar a necessidade de postular um terceiro aspecto ontológico para justificar a presença dos sentimentos nos processos cerebrais conscientes. De acordo com a hipótese das interações neuroastrocitárias apresentada no artigo de Pereira Jr., existem os padrões de informação codificados no cérebro através do funcionamento neural, e correlatos cerebrais dos sentimentos que estariam *instanciados* em redes de astrócitos. Nesse sentido, o estudo da consciência permite uma abordagem científica em terceira pessoa para investigar os tipos de onda relacionados aos sentimentos, e também outras abordagens que foquem na perspectiva em primeira pessoa, restrita àquele que experiencia dada informação conscientemente. A questão aqui colocada é: por que assumir que esse sentimento é parte ontológica da Natureza e está instanciado no cérebro em vez de abordá-lo como produto do funcionamento cerebral, mais especificamente do funcionamento material/informacional dos astrócitos junto aos padrões neurais? Ou devemos entender a exigência de um terceiro aspecto justamente por conta da existência dos sentimentos em nossa experiência, o que leva, necessariamente, à existência dos mesmos em estado potencial na Natureza?

Com relação à terminologia utilizada, Pereira Jr. associa em sua tese os termos consciência e sentimento sem, contudo, delimitar exatamente qual a relação entre ambos. Ainda que isso não invalide nenhum dos pontos apresentados em seu texto, pode ser de interesse do autor delimitar com mais ênfase cada um desses conceitos, visto que a consciência é o objeto central da sua pesquisa. Ficam em aberto questões como: consciência é o sentimento? E, nesse sentido, consciência é o terceiro aspecto? Ou consciência é um processo envolvendo matéria, informação e o sentimento? E, nesse sentido, apenas o sentimento, que aparece em processos conscientes, é considerado o terceiro aspecto?

Por fim, vale a pena mencionar a relação entre a construção do sujeito no MTA, pautada nos três aspectos, e a ética. De acordo com Pereira Jr., a partir das experiências vivenciadas, o sujeito desenvolve hábitos sentimentais formados pelos sentimentos atrelados às experiências conscientes que o mesmo experiencia a respeito de certos padrões de informação. Podemos assumir, portanto, que aqueles sentimentos que passam a compor a vida consciente do indivíduo resultam em certas preferências a certas informações em detrimento de outras. Nesse sentido, devemos investigar se a repetição de certa informação gera hábitos de sentimentos bons, se a relação entre os tipos de sentimentos e a informação é *não causal*, ou se há alguma relação de

necessidade entre certos padrões de informação e certos sentimentos. A última possibilidade não parece ser o caso, visto que é relativamente comum mudarmos nossa opinião ou gosto a respeito de algumas informações (a não ser que a relação seja de necessidade em um primeiro momento, mas permita ser alterada pelo contato com a informação). As outras duas possibilidades não são excludentes, pois podemos experienciar um sentimento ruim X sobre um objeto A, e após maior contato com o objeto A, passamos a experienciar um sentimento bom Y. Entendendo melhor a relação entre sentimento e informação, podemos pensar não só em contribuições para a educação, como propõe Pereira Jr., mas mais especificamente para uma estetização da ética, não no sentido de validar quaisquer atitudes feitas com base em sentimentos agradáveis, mas de buscar meios para atrelar os sentimentos bons a atitudes éticas.

Por se tratar de uma teoria filosófica recente podemos encontrar nas principais teses do MTA diversos campos a serem explorados, desenvolvidos, esclarecidos e também aplicados, tudo isso com o intuito de por à prova aquelas ideias e, caso sejam bem sucedidas, superar problemas antigos e formular novas questões. Para atingir tal objetivo é imprescindível o diálogo sincero entre autor e seus leitores. Sendo assim, espero ter contribuído para esse diálogo através deste comentário crítico que, se não completamente pertinente em suas questões e sugestões, guarda ao menos a sinceridade quanto meu ao interesse no tema.

Referências

- AGUIAR, V.J. *A escuta musical no Monismo de Triplo Aspecto*. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2015.
- ALEKSANDER, I., MORTON, H. B. Informational minds: from Aristotle to laptops (book extract). Em: *International Journal of Machine Consciousness*, v. 3, p. 383-397, 2011.
- ALMADA, L., PEREIRA Jr., A, CARRARA-AUGUSTENBOG, C. What Affective Neuroscience Means for a Science of Consciousness. *Mens Sana Monographs*, v.11, p. 253-273, 2013.
- BOLTZMANN, L. Further studies in the thermal equilibrium of gas molecules. Em: Brush S. (ed.) *Kinetic Theory, Vol. 1*. Oxford/London: Pergamon Press, p. 88-175, 1965.
- _____. *Lectures on Gas Theory*. Trad. & Ed. Brush S., Berkeley, LA: University of California Press, 1964.
- CHALMERS, D. J. *The Conscious Mind. In Search of a Fundamental Theory*, New York: Oxford University Press, 1996.
- DAMÁSIO, A. *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*. New York: Harcourt.

- KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. Ed.: Vozes, 2010.
- NIETZSCHE, F. *Humano, Demasiado Humano, um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia de bolso, 2005.
- PEREIRA JR., A. O Conceito de Sentimento no Monismo de Triplo Aspecto. *Kínesis, Edição Especial – Debate*, v. 7, n. 15, p. 1-24, 2015.
- PLATÃO. *Parmênides*. Tradução, apresentação e notas: Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2005.
- SCHOPENHAUER, A. *O Mundo Como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- WEAVER, W.; SHANNON, C. E. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1949.
- ŽIŽEK, S. *The Event: Politics, Art, Ontology*. Palestra na Universidade de Londres, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WL1uurn7TFY>